COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades

cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2016 – ano XXII – nº 63

Bullying e a importância da palavra

Intimidação sistemática. O termo foi usado pelo Governo Federal para se referir ao mais conhecido "*bullying*", na lei, de novembro de 2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática no País. Mais precisa e clara do que seu correspondente em inglês, a expressão é um primeiro passo para uma reflexão sobre o assunto, que demanda analisarmos com cuidado não apenas o fenômeno em si, mas também a linguagem que utilizamos ao lidar com ele.

Em primeiro lugar, "intimidação sistemática" desfaz a falsa noção de que qualquer conflito na escola pode ser considerado *bullying*. Não pode. *Bullying* é uma agressão repetitiva, intencional – sistemática, portanto – e entre semelhantes.

Em segundo lugar, entendemos que situações de *bullying* entre crianças devem ser vistas como questões fundamentalmente educacionais. Problemas sérios, sem dúvida, mas também oportunidades de aprendizado para as partes envolvidas: o autor, o alvo e os espectadores. A escolha das palavras é consciente. O educador evita referir-se aos envolvidos como "agressor", "vítima" e "testemunhas", para não pintar uma situação já difícil em tintas acusatórias e deterministas, que comprometam a resolução pacífica e o amadurecimento dos personagens. Que são, afinal, crianças e jovens em processo de formação ética, emocional e social.

O autor do *bullying* precisa ser responsabilizado por seus atos, mas também precisa de ajuda, no desenvolvimento de um senso moral. O cuidado com a linguagem é crítico: mais que punir, cabe fazer a criança ou o jovem se indagar e se colocar no lugar do outro. "Por que fez isso? Gostaria que lhe fizessem o mesmo?" O alvo do *bullying*, por sua vez, tem uma autoimagem fragilizada que merece ser fortalecida, com diálogo e sensibilidade. ("Por que acha que isso acontece? O que pode fazer para se defender?") Já os espectadores são instados a se posicionar criticamente diante da injustiça presenciada.

Ensinar valores como o respeito ao outro, promover autoestima e autonomia emocional, estimular a participação crítica em sociedade; tudo isso são objetivos de uma educação humanista, como a que promovemos no Sabin. Mas não devem transparecer apenas na intervenção sobre conflitos já estabelecidos. São objetivos que, sobretudo, devem permear o dia a dia da escola, nas relações entre alunos, colegas e professores; como conteúdo trabalhado transversalmente da Educação Infantil ao Ensino Médio, ou em projetos específicos sobre cultura de paz e diversidade; e, principalmente, na manutenção de um ambiente acolhedor e respeitoso.

Esta é, por fim, a principal tarefa da escola no combate à intimidação sistemática, pois estudos comprovam que um bom clima escolar reduz efetivamente os casos de *bullying* (estudos, inclusive, para os quais contribuímos: o Sabin atende congressos e participa de pesquisas acadêmicas sobre qualidade de relações e gestão de conflitos). O que agora é recomendado por Lei, assim, nós praticamos desde o início, buscando promover, diária e sistematicamente, a consideração e o respeito de nossos alunos pela dignidade humana.

Giselle Magnossão
Diretora Pedagógica do Colégio Albert Sabin
giselle@albertsabin.com.br

EXPEDIENTE
A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.
Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Kelen Linck (pp. 10 e 11) **Fotografias:** Dani Bertusso **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita. 1º trimestre letivo 2016.**

Perceber o mundo, participar do mundo

Revista do Sabin,
1º trimestre
letivo 2016
ano XXII – nº 63
Na foto:
Bruno Miranda, 9º ano A.

4+5
+ Conversa Paralela
O movimento *maker* e a promoção da autonomia do aluno

6+7
+ Educação Infantil
Fazendo da pré-escola uma etapa, de fato, educativa

8+9
+ Ensino Fundamental I
Educando o olhar dos alunos para a apreciação artística

10+11
+ Ensino Médio
O Sabin decide o que vestir: lições de participação

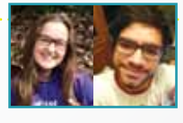
12+13
+ Espírito Científico
O espírito científico e a vontade de avançar por conta própria

14
+ Idiomas
Inglês desde cedo, para colher resultados na vida adulta

15
+ Esportes & Cultura
A saúde e muito mais: por que a Natação importa na escola

16
+ Encantamento
Professor quer dar visibilidade aos 20% de brasileiros com deficiência

17
+ Diagrama
O Sabin em números

18+19 
+ Livre Expressão
Democracia: estamos avançando ou regredindo?

20
+ Criar Oportunidades
O Colégio Mão Amiga oferece ensino de qualidade à população carente

Lucas Torres de Jesus,
especialista em processos de
inovação aplicados à Educação

Faça você mesmo

O que é o movimento *maker* e como ele poderá alavancar o aprendizado e atualizar a escola ao século XXI.

EM 2014, VIERAM OS PRIMEIROS ROBÔS. FOI O ANO EM QUE O PROGRAMA SABIN+ESPORTES&CULTURA CRIOU O CURSO DE ROBÓTICA, NO QUAL ALUNOS DO 6º AO 9º ANO DO FUNDAMENTAL FABRICAVAM BRAÇOS MECÂNICOS E OUTRAS ENGRENAGENS AUTOMATIZADAS. O CURSO FOI BEM RECEBIDO, EMBORA AINDA DESSE POUCO ESPAÇO PARA A CRIATIVIDADE DOS JOVENS ENGENHEIROS. ISSO ESTÁ COMEÇANDO A MUDAR. EM 2016, RENOMEADO COMO PROGRAMAÇÃO E ROBÓTICA, O CURSO FOI REFORMULADO PARA PROMOVER UMA EXPERIÊNCIA DE MAIOR AUTONOMIA AO ALUNO, COM UMA ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA QUE VEM GANHANDO ADEPTOS PELO MUNDO: O MOVIMENTO *MAKER*. A REFORMULAÇÃO CONTOU COM A AJUDA DE **LUCAS TORRES DE JESUS**, 26 ANOS, UM DOS DIRETORES DA CAOS FOCADO, EMPRESA ESPECIALIZADA EM PROCESSOS DE INOVAÇÃO. FORMADO EM ENGENHARIA MECATRÔNICA, LUCAS QUER LEVAR OS BENEFÍCIOS DA TECNOLOGIA DE PONTA PARA O ENSINO – O QUE TEM TUDO A VER COM O MOVIMENTO *MAKER* –, COMO ELE EXPLICA NA CONVERSA A SEGUIR.

O que é o movimento *maker*?

Existe uma expressão em inglês pela qual o movimento é conhecido, que resume bem sua essência: *do it yourself*, "faça você mesmo". A cultura *maker* surge da democratização do acesso à tecnologia, que costumava ser vista como algo complexo, com o qual se teria contato somente na universidade, disponível só para estudantes de Engenharia. Agora, é possível se apropriar de ferramentas tecnológicas para construir objetos do próprio interesse.

De que tecnologia estamos falando?

Tecnologias ligadas à fabricação digital, termo usado para designar máquinas como impressoras 3D, de corte a laser, fresadoras, que dão forma a elementos construídos no computador. Estamos falando de *kits* de prototipagem eletrônica de ideias. Um deles, por exemplo, é o Arduíno, uma plataforma *open source* (de código aberto) muito fácil de ser usada. Existe uma comunidade ao redor do mundo que se utiliza dessa plataforma e compartilha seus experimentos.

Que benefícios elas trazem para a aprendizagem escolar?

O primeiro é inserir os alunos num ambiente em que desfrutam de autonomia para realizar seus próprios projetos. Quando falamos de um projeto *maker*, não estamos falando de um processo 100% orientado, como costuma acontecer, por exemplo, no laboratório de Ciências da escola. Um espaço *maker* é um ambiente de teste, tem a ver com exploração, experimentação. O erro é bem-vindo. Quando ele acontece, é preciso rever caminhos, pensar melhor, encontrar uma nova solução e testar para ver se dá certo. Aprende-se. Trata-se de uma cultura mais livre, que provoca no aluno uma motivação intrínseca, ou seja, a vontade de se engajar no projeto, construí-lo e vê-lo crescer. O ambiente *maker* promove habilidades socioemocionais, como cooperação (porque os trabalhos são feitos em grupo), criatividade e resiliência (porque ao longo do processo o aluno vai esbarrar num erro, que vai lhe exigir perseverança e criatividade).

"Um espaço maker é um ambiente de teste, de exploração. O erro é bem-vindo."

Mas como integrar o conteúdo curricular nessa abordagem livre?

Ao longo do processo, o aluno começa a questionar o porquê disso ou daquilo. Esse é o momento em que o professor deve conectar ao projeto os conteúdos vistos em sala de aula: elementos de Matemática, Artes, Ciências, entre outras disciplinas. Trata-se de acessar o conteúdo curricular de forma bastante significativa, de aprender fazendo, na prática.

Ainda são poucos os colégios que recorrem à tecnologia no auxílio à aprendizagem?

Hoje já existe um primeiro passo mais ou menos difundido, que é o uso de computadores e *tablets*. E alguns colégios também recorrem à Robótica educacional. Mas, ainda assim, essas são iniciativas um pouco restritas, pois os desafios proporcionados pela Robótica aos alunos, por exemplo, são mais dirigidos. Aqui, é importante falarmos de um conceito educacional chamado "construcionismo", que, em linhas gerais, propõe-se a trabalhar tanto os conteúdos curriculares como habilidades não cognitivas por meio de projetos de construção dos alunos. É aqui que entram os espaços *maker*.

E o que é um espaço *maker*?

É uma sala de aula ou um espaço equipado com algumas das ferramentas tecnológicas que citei. É ali que os alunos vão construir projetos de um jeito, digamos, mais livre. Isso é relativamente novo e exige adaptação da comunidade escolar. Porque ali o professor sai de sua posição clássica, da aula expositiva tradicional. No espaço *maker*, ele atua como interlocutor, não tem muito controle do que acontece. Leva um tempo até que o professor se adapte a essa nova realidade e se aproprie do que a tecnologia oferece.

O que é necessário para montar um espaço *maker*?

Para começar, é preciso um *kit* de prototipagem e algumas ferramentas, inclusive de marcenaria. É um investimento inicial relativamente barato, que depois pode evoluir para impressoras 3D, máquinas de corte a laser, por aí vai. Alguns colégios aqui em São Paulo já têm seus espaços *maker*, outros têm experimentado essas dinâmicas sem necessariamente um espaço exclusivo para isso. [N.R.: É o caso do Sabin, que utiliza as duas salas de Informática, na Biblioteca, para as aulas de Robótica e Programação. Ver mais detalhes nas páginas 12 e 13.]

Essa é uma tendência irreversível para as escolas?

Acho que é um movimento natural. Ainda educamos crianças e jovens como há 100 anos, e há um consenso nas comunidades escolares de que é necessário mudar. A tecnologia tem sido usada para criar novas relações educacionais, e esse, sim, é um processo irreversível. Os alunos já estão conectados à tecnologia, já têm contato fora da escola com esse novo jeito de aprender. Cabe à escola se adaptar a essa realidade e ajudar a formar cidadãos do século XXI.

Ambiente de qualidade

Fazendo da pré-escola uma etapa, de fato, educativa.

Há exatos 20 anos, a lei que estabelecia as Diretrizes e Bases da Educação Nacional definia, pela primeira vez, a Educação Infantil como "primeira etapa da Educação Básica". Creches e pré-escolas, que até pouco tempo antes eram vistas como serviços de Assistência Social – onde os pais deixavam os filhos para receber alimentação, cuidados de higiene e saúde –, tinham confirmadas suas responsabilidades de caráter expressamente pedagógico. Sua finalidade era o "desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social".

Leis e costumes, porém, podem andar em descompasso. Ainda hoje, notam-se vestígios daquela ideia antiga, assistencialista, da pré-escola como lugar de criança brincar, comer e dormir. É por isso que são bem-vindas leis como a que torna obrigatória a matrícula de crianças na Educação Básica a partir dos 4 anos de idade, sancionada em 2013, ou a portaria da Secretaria Municipal de Ensino (SME) de São Paulo, de dezembro de 2015, que determina "Padrões Básicos de Qualidade da Educação Infantil". Elas consolidam, para a sociedade e para as instituições de ensino, a posição da pré-escola como ambiente educativo necessário, que demanda a mesma competência de gestão e nível de qualidade aplicados ao Ensino Fundamental ou ao Médio.

"A obrigatoriedade da matrícula e a exigência de frequência mínima às aulas enfatizam a seriedade e a importância da Educação Infantil", diz Mônica Mazzo, diretora pedagógica do AB Sabin, sobre a Lei Federal de abril de 2013.

Quanto aos padrões de qualidade definidos pela SME, embora reconheça o valor da regulamentação do segmento, Mônica não acha que trarão mudanças para o cotidiano do Colégio. "Tanto no AB quanto no Sabin já tínhamos uma concepção de Educação Infantil como etapa fundamental para a formação do aluno e adotávamos um grau de exigência – de nosso projeto pedagógico, de nossos profissionais e estrutura – até maior do que o determinado por lei. A legislação oficializa algo que já era nossa realidade".

Os padrões de qualidade da Educação Infantil organizam-se em quatro campos: Projeto Pedagógico, Ambiente Educativo, Recursos Materiais e Recursos Humanos. Mônica Mazzo, no AB Sabin, e Dionéia Menin, coordenadora pedagógica do segmento no Sabin, não têm dificuldades em apontar como os dois colégios atendem aos critérios – e os ultrapassam – em cada um desses campos, como se vê a seguir:

• **Projeto Pedagógico:** estabelece princípios e práticas da escola, como o currículo, a organização de turmas, as formas de registro do aprendizado, etc. Segundo a SME, deve ser "documento vivo e dinâmico, que se constrói e reconstrói no coletivo da unidade educacional". Algo semelhante à concepção do Sabin e do AB Sabin, como relata Mônica Mazzo: "Além do projeto pedagógico, temos um plano anual que define as expectativas de aprendizado por trimestre. A partir desse plano, o professor faz um planejamento mensal, com todas as atividades que pretende desenvolver no mês. A Coordenação avalia, sugere ajustes e correções. Todos se sentem incorporados ao projeto, que é levado a sério. Isso resulta numa gestão eficaz". Grande ênfase é dada pela SME às brincadeiras e interações, assim como no Sabin e no AB: "A ludicidade é suporte para tudo que é feito", diz Mônica. "As pesquisas da Neurociência confirmam a importância do brincar no desenvolvimento da estrutura neuronal na primeira infância; é na brincadeira que a criança constrói seu conhecimento".

• **Ambiente Educativo:** diz respeito às concepções – de infância, de aluno, de aprendizagem, etc. – que permeiam o projeto pedagógico. A chave é criar um ambiente em que todas as experiências sejam significativas, e não apenas aulas propiciem aprendizados. Nessa fase, a SME aponta para a necessidade de se ver o "cuidado como indissociável do processo educativo". Diz Dionéia Menin: "O objetivo da Educação Infantil é cuidar educando e educar cuidando. Isso se manifesta o tempo inteiro nas aulas e rotinas de higiene e cuidados pessoais. Por exemplo, professoras, babás e inspetoras não apenas ajudam a criança a amarrar os tênis como também a ensinam a amarrá-los sozinha, promovendo sua autonomia". A legislação também fala da participação dos pais e do diálogo entre escola e família. Diz Mônica: "Você precisa ter a família presente para alcançar resultados. Tanto para que os pais apoiem o processo como para que eles mesmos se tranquilizem".

• **Recursos Materiais:** segundo Dionéia Menin, o espaço físico da Educação Infantil do Sabin não propicia apenas um ambiente estimulante e seguro, mas a oferta de componentes curriculares diferenciados, como "atividades de Cozinha Experimental, de Horta, de Laboratório, de adaptação ao meio aquático, de Psicomotricidade. Além disso, os alunos usam a Biblioteca e o Anfiteatro do Sabin, fora da Educação Infantil; é também uma oportunidade de interagir com o mundo adulto, de aprender como se portar em sociedade". Já no AB Sabin, Mônica lembra que tudo foi criado especificamente para a faixa etária: dos mobiliários com cantos arredondados aos espelhos, pias e vasos sanitários rebaixados, ou aos portões de segurança entre cada patamar das escadarias.

• **Recursos Humanos:** além de exigirem pelo menos uma pós-graduação no currículo de todos os professores (a Lei exige apenas graduação), Sabin e AB Sabin contam com assessorias externas diversas durante todo o ano (Matemática, Língua Portuguesa, Psicomotricidade, Ed. Física) para a formação contínua de seus profissionais. Mas não é só o currículo que importa. "O professor de Educação Infantil tem de ser extremamente atento e responsivo à necessidade da criança. Precisa de qualidade de formação, mas também de intervenção. É o olhar com cuidado, empatia e afeto", diz Dionéia.

Educação Infantil: do assistencialismo à obrigatoriedade

- **1988 / 1990: Constituição Federal / Estatuto da Criança e do Adolescente.** Até então regidas pelo campo da Assistência Social, creches e pré-escolas passam a ser instituições educativas.
- **1996: Lei de Diretrizes e Bases.** Consolida a EI como "primeira etapa da Educação Básica", não obrigatória: pais só precisam matricular os filhos a partir dos 7 anos, no Fundamental.
- **2010: Ensino Fundamental de nove anos.** Pela Lei 11.274, de 2006, o Fundamental começa aos 6 anos de idade. O prazo de adequação das escolas é 2010.
- **2013: Educação Infantil obrigatória.** Pela Lei 12.796, pais matriculam os filhos a partir dos 4 anos. Carga horária mínima de 800 horas/ano, com frequência mínima, pelo aluno, de 60% do total de horas.

Alunos do AB Sabin: cuidar educando e educar cuidando.

Não é questão de gosto

Educando o olhar dos alunos para a verdadeira apreciação artística.

Há uma diferença entre ver e enxergar, entre gostar e apreciar uma obra de arte. Essa diferença diz respeito à chamada leitura de imagens, uma competência tão importante quanto o domínio da linguagem verbal, embora poucos se deem conta disso.

Ao se relacionar com um texto, o leitor precisa se engajar no processo, recorrer a seu conhecimento de mundo e da língua para compreender o que o autor quis dizer. Com imagens não é muito diferente: afinal, imagem também é discurso, construído com método e intenção. Transmite informações, conceitos e valores, relacionados de alguma forma a seu tempo e lugar. E, assim como a linguagem escrita, requer alfabetização – o conhecimento de uma gramática e de uma sintaxe visual –, ampliação de repertório e capacidade de interpretação crítica.

O potencial comunicativo, o contexto social e histórico e as implicações políticas das imagens são elementos centrais no trabalho da professora e assessora de Arte do Sabin, Roberta Moretti. "Na história da Educação Artística, as escolas no Brasil já viveram dois extremos: o de um ensino mais técnico, focado no desenvolvimento de habilidades, e o de um espontaneísmo total, em que tudo o que a criança faz tem valor", diz a professora. Seu objetivo no Sabin, explica, é explorar o campo intermediário em que o aluno entra em contato com um conhecimento técnico para expressar, livre e conscientemente, suas ideias. E para formar opinião, com propriedade, sobre o universo artístico. "Apreciação artística não é dizer 'Gostei' ou 'Não gostei'", diz Roberta. "É olhar para uma obra e refletir a fundo sobre ela".

Valentina Scarance e o "Auto-retrato" (1923), de Tarsila do Amaral, recriado pela turma do 3º ano.

Parte desse trabalho consiste em apresentar para a criança o "alfabeto visual" à disposição do artista. Linha e ponto, fundo e figura, cores e formas são aspectos significativos numa obra de arte, carregados de sentido. Podem indicar, por exemplo, qual o personagem principal ou a emoção que um pintor atribuiu a determinada cena.

Porque tentar perceber a intenção do artista faz parte do aprendizado. "Costumo dizer para meus alunos que o artista nos deixa pistas", diz Roberta. "É uma forma divertida de estimulá-los a prestar atenção de verdade". Em uma aula de Arte do Pré II, por exemplo, a professora apresenta à turma diversas representações do corpo humano ao longo da História da Arte, das pinturas rupestres à "Mona Lisa", de Da Vinci, e às "Senhoritas de Avignon", de Picasso. Como condutora da investigação, ela dá tempo para que os alunos percebam o elemento comum a todas: "O que essas obras mostram? Por que vocês acham isso?", pergunta. O tema, aliás, não é por acaso: é no Pré II que as crianças aprendem sobre o corpo humano, nas aulas de Natureza e Sociedade.

O exemplo deixa claro, ainda, outro aspecto importante sobre a qual os alunos terão consciência, mais à frente: que a Arte é influenciada pelo contexto social e histórico do artista. E que, portanto, conhecer esse contexto é essencial para a compreensão e apreciação crítica de uma obra.

É o que acontece no 3º ano do Ensino Fundamental, quando, ao serem apresentados ao quadro "A Negra", de Tarsila do Amaral [1886-1973], a primeira reação dos alunos costuma ser a de rir do enorme seio da personagem, repousado sobre seu braço direito. Até que uma pesquisa sobre a pintora e o quadro revela que aquele é, provavelmente, um retrato de sua ama de leite. Seio e obra ganham outro significado, relacionado à realidade de um Brasil escravocrata, estudado nas aulas de História.

Estudar obras de arte assim abre possibilidades de aprendizado para além da Arte. Há conhecimento a ser adquirido nas obras de arte, e não apenas no que diz respeito ao vocabulário ou às técnicas específicas do campo artístico. "Arte é cognição para a qual colaboram os afetos e os sentidos", já afirmou Ana Mae Barbosa, educadora que formulou a chamada "Abordagem Triangular" nos anos 1980, ainda hoje a principal referência de ensino de Arte no Brasil, na qual se baseia o projeto pedagógico do Sabin (ver quadro). E, ao exercitar uma leitura de mundo crítica – por meio da leitura de imagens –, a abordagem estimula também uma participação crítica no mundo.

"Quando o aluno entra em contato com diversas realidades e conceitos por meio da Arte, ele se torna mais tolerante, aberto ao diferente", diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. A obra de que, a princípio, o estudante apenas gostava ou não, agora ele entende. "Em geral, o ser humano se interessa por histórias, e toda obra conta uma história. Quanto mais você entende por que uma obra é como é, mais você a aprecia", diz a coordenadora.

Se o caminho da Arte é, em grande medida, um caminho de transgressão a normas estabelecidas – estéticas, políticas, filosóficas –, apreciar Arte é, assim, ter a consciência de que o mundo pode ser transformado e se engajar nessa transformação. É exercitar um olhar crítico, criativo e criador.

Apreciar, Refletir, Fazer

A Abordagem Triangular do ensino da Arte, proposta pela educadora Ana Mae Barbosa nos anos 1980, prevê uma prática pedagógica baseada em três eixos complementares.

- **Leitura** (da imagem, do objeto, do campo de sentido da obra de Arte).
- **Contextualização** (da obra e do artista, e sua relação com o contexto do educando).
- **Prática Artística** (o fazer consciente).

Lucca Eiji Omura e o "Abaporu" (1928), de Tarsila do Amaral, recriado pela turma do 3º ano.

Democracia estampada na roupa

O que o código de vestimenta do Ensino Médio ensinou aos alunos e à própria escola.

Numa sexta-feira de calor, em novembro do ano passado, mais de uma centena de alunos e alguns professores do Ensino Médio encontraram-se para discutir *shorts* femininos. Não era o único assunto em pauta. Naquela tarde, reunidos no Anfiteatro Picasso, alunos e professores deliberavam se deveria ser permitido vir ao Colégio de chinelos de borracha, usar bonés em sala de aula, vestir regatas, entre outras opções de vestuário que dividiam opiniões na turma.

A discussão envolvia questões delicadas. Dizia respeito a valores e concepções pessoais de certo e errado, mas também a regras de convivência em sociedade, a sexismo e tolerância, a liberdades individuais e deveres coletivos. Poderia ter sido um episódio desgastante, mas o clima não era de enfrentamento. Organizados em assembleia conduzida pelo grêmio estudantil, os alunos cumpriam a pauta ordenadamente, com tempo para argumentações contra e a favor da liberação de cada peça de vestuário em debate. Assistindo a tudo como conselheiros, os professores presentes manifestavam-se somente quando chamados.

Naquela tarde, estava nas mãos dos alunos decidir o novo código de vestimenta do Ensino Médio do Sabin.

No Sabin, o uso de uniforme escolar é obrigatório somente até o 9º ano do Fundamental. Durante o Ensino Médio, uniformes são exigidos apenas para a Educação Física (e avental, sapatos fechados e calça, para as aulas de laboratório). Há uma razão pedagógica para isso. "Entendemos que também é função da escola educar para a adequação social", diz Áurea Bazzi, coordenadora do segmento. "O uniforme tiraria deles a responsabilidade de terem de se vestir adequadamente ao contexto escolar".

O problema da adequação, porém, é que não se trata de critério objetivo. Mesmo com o descarte de opções extremas, o conceito de "adequado" varia de pessoa para pessoa e, ao longo do tempo, sofre mudanças. Há cerca de 20 anos, chinelos de borracha não tinham a aceitação social que adquiriram recentemente. O questionamento que alguns alunos vinham fazendo à Coordenação, portanto, era nada além do razoável: se meninas podiam vir à escola de sandálias rasteirinhas, por que proibir os chinelos?

A regra não estava escrita, mas era observada por todos, tacitamente, desde os primeiros anos de atividade do Sabin. Da mesma forma, em nenhum lugar se definia um tamanho adequado de saias, vestidos e *shorts* para as meninas – outro tema que a evolução dos costumes tornaria controverso. "A questão estava posta, as conversas existiam", diz Áurea, que em setembro chegou a recomendar às alunas que vestissem roupas um pouco mais compridas, em nome da adequação à imagem e aos propósitos do Colégio.

Mas ela sabia que não era o bastante. "Os alunos tinham reivindicações legítimas. Nós precisávamos ter esse diálogo com eles, e teríamos, mas num fórum apropriado", diz.

A assembleia foi agendada para a sexta-feira, 13 de novembro, com participação aberta a todos os alunos do Ensino Médio e a representantes de classe do 9º ano. Dias antes, o professor de Sociologia Uyrá Lopes dos Santos havia ministrado aulas especiais sobre esferas públicas e privadas, introduzindo conceitos e propondo reflexões pertinentes à discussão. "Era importante ouvi-los; afinal, são os jovens que 'quebram' o estado das coisas e mudam o mundo. Mas eles têm de opinar com responsabilidade, não podem participar de debates como 'comentaristas de Facebook'", diz o professor. Segundo ele, era preciso deixar claro que a decisão do grupo não diria respeito apenas a eles, mas a todos os envolvidos na comunidade do Sabin: alunos, pais, professores, funcionários.

Arthur Alexandre Andreis, da 2ª série D do Ensino Médio, considera inapropriado vir à escola de chinelos ou usar bonés em sala de aula. "É questão de formalidade, como num ambiente de trabalho", diz o aluno, que está em minoria entre seus colegas. Os dois itens foram permitidos pelo novo código de vestimenta (veja quadro). Mas Arthur não guarda mágoa: "Mantenho meu ponto de vista, mas respeito a decisão da maioria".

Para Uyrá, cujo programa pedagógico de Sociologia inclui uma introdução à Ciência Política, a postura de Arthur é exemplo a ser seguido: "Fazer política implica ouvir o outro. Tentar convencer pelas ideias, mas também se deixar ser convencido e fazer concessões". Para o professor, o episódio foi "uma aula de democracia": "Nos dias de hoje, isso talvez seja mais importante do que muita prova".

Marcelo Henrique Alonso, da 3ª série C, foi um dos que votaram a favor dos bonés. "Na nossa idade, a roupa ajuda a criar uma identidade. Eu me sinto muito mais confortável de boné e agora tenho essa liberdade. Isso reforçou nossos laços com o Colégio". Na votação sobre os *shorts* femininos, porém, Marcelo preferiu se abster: "Eu entendi que, se votasse ali, estaria interferindo no direito das meninas de escolherem o que vestir", diz o jovem, que, no entanto, não critica os meninos que votaram na questão.

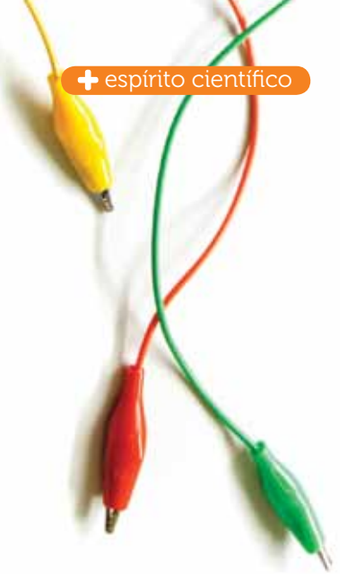
Para sua colega de turma Caroline Massadi, o tamanho da roupa, como o boné para Marcelo, também diz respeito à expressão da identidade de cada um. "Quando uma menina usa *shorts* curtos, não quer 'expor o corpo'; quer expor quem ela é, da forma como se sente confortável", diz Caroline, que não se incomoda com o tamanho decidido em assembleia. "Não foi uma imposição da escola, foi uma decisão de todo mundo".

A maturidade com que os alunos viveram a experiência não passou despercebida pelos professores. "O exercício ensinou muito à própria escola", diz o professor de Geografia Augusto Ozorio, que, ao lado de Uyrá, atuou como conselheiro do Grêmio Albert Sabin. "Inclusive, que nós precisamos – e podemos – confiar nos alunos para tomar decisões como essas". Para o professor, se por um lado o Sabin provou estar aberto a mudanças, por outro os alunos provaram estar dispostos a participarem da construção das práticas de convivência e a serem agentes de nossa Comunidade Educativa.

O que muda com o novo código de vestimenta do Ensino Médio

	ANTES	DEPOIS
Bonés	Proibidos em sala de aula e nos corredores.	Liberados em sala de aula e nos corredores, exceto durante avaliações e quando solicitado por professores, funcionários ou colegas.
Chinelos de borracha	Proibidos no Colégio.	Liberados, exceto nos laboratórios e em aulas de Educação Física.
Regatas	Proibidas para meninos.	Liberadas para meninos e meninas, desde que não abertas nas laterais.
***Shorts* femininos, saias e vestidos**	Não havia, oficialmente, tamanho mínimo. Sugeria-se até quatro dedos acima do joelho.	A partir do osso ílio, um palmo aberto e um palmo fechado é o comprimento mínimo. Obrigatório o uso de *shorts* sob a saia.

** Até 2015, não havia código de vestimenta oficial, mas costumes reforçados verbalmente pela Coordenação do Ensino Médio. A partir de 2016, o código passa a fazer parte do Manual de Orientação às Famílias.*



Acionando a chave da motivação

Como motivar os alunos a avançar por conta própria em busca do conhecimento.

Antes de ser um método, um campo do conhecimento humano ou um conjunto de instrumentos e tecnologias de ponta, a Ciência é um estado de espírito. É uma forma de se colocar na vida, uma atitude, uma disposição para o saber. O indivíduo imbuído desse espírito – seja ele cientista ou não – não é passivo. Não basta que lhe digam como são as coisas: ele não quer ser apresentado ao mundo, quer descobri-lo. Ou, até, construí-lo.

Reflexões como essas estão na base do programa pedagógico de Ciências do Sabin. Elas ampliam a visão do que é indicativo de qualidade do ensino científico nas escolas: a formação dos professores, a escolha do currículo e a variedade dos materiais didáticos (livros e equipamentos). Tudo isso ainda é fundamental. Mas, do ponto de vista do aluno, pouco adiantam o método sem a curiosidade, o livro sem o encantamento, o laboratório sem o ímpeto investigativo.

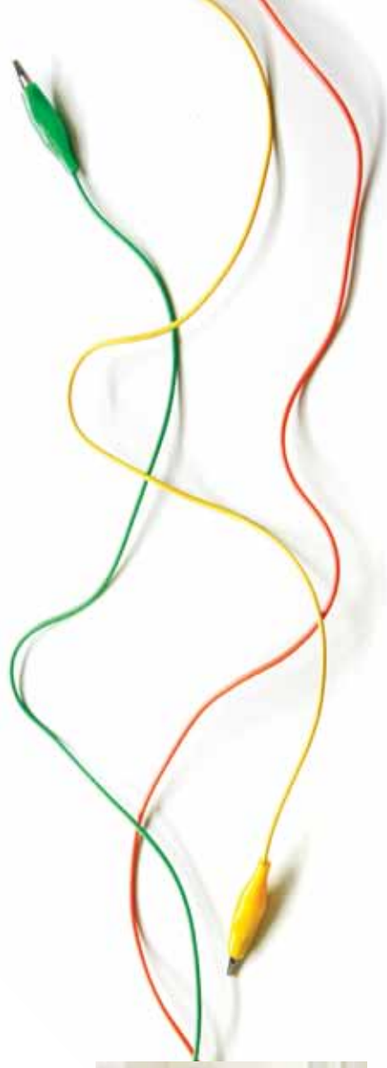
Por isso, tão importante quanto transmitir o conteúdo que compõe o currículo de Ciências da Educação Básica é promover o espírito que motivará os alunos a perseguir ativamente esse conteúdo – e criar oportunidades para aqueles que quiserem ir além. É um trabalho que começa desde cedo e se manifesta nos menores detalhes.

Adriana Alonso é assessora de Ciências da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Segundo ela, as sequências didáticas de Ciências têm de incentivar uma abordagem de investigação, o que "não é costumeiramente feito nas escolas brasileiras": "Imagine uma ficha de atividade cujo título é O Ar Tem Peso", diz a assessora. "A atividade descreve um procedimento que vai provar que, sim, o ar tem peso. Qual a graça disso? A conclusão está dada desde o início". O exemplo parece banal, mas não deve ser menosprezado. Para Adriana, se o brilho da Ciência é despertado mais pela descoberta do que pela confirmação de informações recebidas, tudo na aula, do material didático à prática do professor, deve abrir espaço para o não saber inicial.

"O segredo é começar pela problematização, não oferecer conteúdo pronto. É preciso, primeiro, levar o aluno a se questionar, a fazer suposições, a refletir sobre elas e a tirar conclusões, para só depois sistematizar o conteúdo e consolidar conceitos", diz.

A postura de Adriana reflete uma orientação geral dos professores do Sabin, do Fundamental ao Ensino Médio. Para garantir o alinhamento, ela reúne-se periodicamente com o assessor de Ciências do 6º ao 8º ano, Leandro Holanda; os assessores do 9º ano em diante – Aymar Macedo (Biologia), Jackson Padilha (Física) e Rachelle Hanania (Química); – e com os coordenadores do Fundamental II, Laércio Carrer, e do Médio, Áurea Bazzi. "Como podemos motivar nossos alunos a fazer Ciência?" É uma das perguntas que o grupo se faz nas reuniões de alinhamento, em busca de experimentos investigativos mais instigantes, que estimulem a curiosidade dos alunos ao mesmo tempo que promovam as habilidades necessárias ao método científico.

Segundo Leandro Holanda, os planos pedagógicos de Ciências exploram essas habilidades num contínuo. "A princípio, as atividades visam mais às capacidades de observação, inferência e registro", diz o assessor. É o momento de exercitar a atenção dos alunos, sua capacidade de identificar aquilo que é diretamente observável (o crescimento de uma planta, as diferenças entre organismos, etc.) e aquilo que não é observável mas pode ser inferido, com base em conhecimentos prévios. Na sequência, as atividades passam a exigir dos alunos a formulação de hipóteses mais complexas, que serão testadas mediante procedimentos que devem conceber. "A ideia é que, no 9º ano, quando se diferenciam a Biologia, a Física e a Química, os alunos já tenham um bom manejo do método científico – não só para adquirirem os conteúdos especializados dessas disciplinas, mas também para serem capazes de andar sozinhos em busca do que lhes interessa", diz Leandro. Inclusive quando o que lhes interessa se encontra além do currículo básico.



Despertada a chama da curiosidade e ensinadas as técnicas de se "controlar o fogo", o aluno com espírito científico parte em busca de aprender mais. Nesse momento, cabe ao Colégio oferecer a esse aluno meios de explorar sua vocação ao máximo. É o que o Sabin faz, criando oportunidades extracurriculares diversas desde o Ensino Fundamental.

Para começar, há os módulos preparatórios para Olimpíadas Acadêmicas de disciplinas como Matemática (para alunos do 6º ao 9º ano), Química e Física (do 8º ao 9º ano). Também no Fundamental II, como modalidade oferecida pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura, há o curso de Programação e Robótica, que neste ano foi reformulado para enfatizar a autonomia do aluno na condução do aprendizado, com base nas ideias do movimento *maker* para a Educação (confira entrevista nas págs. 4 e 5). "O curso começou em 2014 com um programa mais 'amarrado'. As atividades eram muito dirigidas: 'Construa isso, faça aquilo'", diz Paulo Fontes, assessor para Tecnologias Educacionais do Sabin e um dos professores do curso. "O novo programa dá margem para o aluno idealizar um projeto próprio, prototipar, testar, errar e corrigir até acertar". O número de inscritos comprova o interesse dos estudantes: 182 alunos, do 6º ao 9º-ano, divididos em 11 turmas.

"O espírito científico não quer ser apresentado ao mundo. Quer construí-lo."

Já no Ensino Médio, além dos Módulos de Aprofundamento que ajudam os alunos a se prepararem para os vestibulares, com ênfase em revisão de conteúdos e estratégias de resolução de exercícios, desde o ano passado o Sabin oferece aulas extras para alunos da 3ª-série interessados em expandir seus estudos para áreas e temas de nível avançado até para universitários. Conceitos como ondas gravitacionais e teoria de supercordas – ou, na área das Ciências Humanas, leituras densas de autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda – são enfrentados por jovens cuja única motivação é o saber, sem nenhuma compensação na nota. Para a coordenadora Áurea Bazzi, se as aulas regulares garantem o acesso ao conteúdo solicitado nos vestibulares e no Enem, os Módulos de Aprofundamento propiciam um mergulho mais fundo, "vertical", no conteúdo, ao passo que essas aulas extras oferecem uma exploração mais "horizontal" de áreas do saber. Também aqui os números são reveladores: mais de 90% dos alunos do Ensino Médio participam dos Módulos.

Como denominador comum a todos esses projetos, há o fato de que vem do aluno a iniciativa de buscar o conhecimento, o que não é por acaso. Educado desde cedo em um ambiente que estimula o espírito científico, o aluno do Sabin não costuma ser passivo. Ele não quer ser apresentado ao mundo, quer descobri-lo. Ou, até, construí-lo.

Tudo a seu tempo

Até o fim do Ensino Médio, o aluno dominará o Inglês para enfrentar os desafios da vida adulta.

A professora lança um cubo de pano para o alto, sob o olhar atento do aluno. Espécie de dado, cada face do cubo é de uma cor e traz um número. A tarefa do aluno é dizer, em Inglês, a cor e o número sorteados. Por ora, esse é o único objetivo da lição. A longo prazo, porém, a meta do Sabin para esse aluno, que ainda está na Educação Infantil, é que ele conclua o Ensino Médio com a proficiência no idioma necessária para lhe abrir portas no mercado de trabalho, oportunidades de estudo no exterior e de contato com pessoas do mundo inteiro. Os resultados mostram que esse plano tem dado certo.

Segundo Denise Araújo, coordenadora do Departamento de Inglês, o projeto pedagógico do Sabin para o ensino do idioma transcorre em duas fases complementares. "Até o 5º ano do Fundamental, a exposição dos nossos alunos ao Inglês é grande, inclusive com as professoras falando apenas em Inglês com eles desde o início", diz. "Eles já entram em contato com diferentes tempos verbais, por exemplo, mesmo antes de aprenderem como usar o *simple present* ('*I go to school*') ou o *present continuous* ('*I am going to school*')".

Exposição e vivência, nessa primeira fase, são palavras-chave. Por meio de brincadeiras, jogos, filmes, músicas e o constante *input* das professoras, o aluno vai se familiarizando com o Inglês. Mesmo que ainda não pratique muito a fala ou a escrita, ele já é capaz de distinguir os sons da língua (algo que fará diferença, mais à frente, no aperfeiçoamento do sotaque) e de ampliar o chamado vocabulário passivo, referente a palavras que compreendemos, mas não usamos com frequência (o que também terá reflexos adiante).

Essa é a etapa do projeto pedagógico que precisa, principalmente, encantar o aluno. "Nós precisamos fazer o aluno querer falar em Inglês, proporcionando a ele um ambiente de naturalidade no uso da língua para que, mais tarde, quando começar a etapa de maior produção, ele não tenha bloqueios nem inseguranças".

A partir do 6º ano do Fundamental, as aulas de Inglês passam a se estruturar como um verdadeiro curso de idiomas. Se até ali os alunos têm duas aulas por semana, dali para a frente esse número dobra, e as turmas se organizam por níveis de desempenho. O ensino da língua se torna sistematizado para a aquisição e o domínio das regras da gramática – semelhante, aliás, ao que acontece com o currículo de Língua Portuguesa, que inicia o Fundamental II com a exploração da análise sintática das orações. E, por tudo o que veio antes, os alunos estão preparados para isso.

É o suficiente, garante Denise, para que até o fim do Ensino Médio o aluno seja capaz de conversar, ler e escrever em Inglês com correção e fluência. E, se assim desejar, com condições de se preparar para adquirir comprovação oficial de seu domínio do idioma. De todos os alunos do Sabin, 60% deixam o Colégio com pelo menos um certificado de proficiência (FCE); 10% chegam a adquirir dois (FCE e CAE). Com um detalhe importante: apenas 5% dos alunos do Sabin fazem curso de Inglês fora do Colégio.

"Os números indicam a consistência do programa, que organiza o tempo de que dispomos com o aluno para prepará-lo, com o auxílio do Inglês, para os desafios da vida adulta".

Superação na água

Além dos benefícios à saúde, a natação tem outros pontos que justificam sua presença na escola.

"A fama é verdadeira", diz Paulo Rogério Vieira, "a natação é um dos esportes mais completos que existem". Paulo é coordenador do Programa Sabin+Esportes&Cultura e reflete sobre a estratégia pedagógica do Colégio quanto à natação. Além dos benefícios à saúde e ao bem-estar que as atividades físicas em geral proporcionam, diz o professor, a natação tem características próprias que justificam ainda mais sua presença na escola. O fato de ser um "esporte completo" é uma delas.

"Para nadar, você utiliza o corpo por inteiro. É uma modalidade de base que tonifica a musculatura integral do corpo: pescoço, ombros, braços, pernas, abdômen", diz Paulo. "Por isso, uma criança que pratica natação desde os 7 anos de idade, se no futuro fizer vôlei ou futebol, terá mais controle de braços e pernas". O inverso não seria verdade. Vôlei e futebol são esportes de movimentos setorizados, trabalham desigualmente os membros e lados do corpo – um futebolista destro exercita mais sua perna direita, por exemplo. Se começar a nadar mais tarde, sentirá a diferença.

No Sabin, a natação é oferecida como atividade regular de Educação Física desde a Educação Infantil e como modalidade extracurricular para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Médio. Segundo o professor Fernando Silva, o objetivo na Educação Infantil é propiciar a independência na água, o que implica a capacidade de boiar sem aparelhos, o controle respiratório e o sentir-se à vontade no meio aquático. "Já no Fundamental I, a ideia é que o aluno conclua o 5º ano sabendo os nados de *crawl* e costas. Daí em diante, aprimoramos esses nados e usamos jogos como o polo aquático ou o biribol", diz Fernando. Os nados de peito e borboleta, por exigirem coordenação mais complexa de movimentos, são ensinados apenas no Sabin+Esportes&Cultura.

Em nenhuma instância o objetivo é formar nadadores profissionais, mas promover o potencial pedagógico do esporte. Que, como lembra Paulo Rogério, vai além da piscina. "A natação é esporte individual, o que proporciona desafios mais claros", diz. Um aluno que não saiba flutuar ou outro que nade 50 metros em determinado tempo, argumenta, têm metas práticas: aprender a flutuar, vencer o cronômetro. Atingir tais metas só cabe a eles, e isso gera uma atitude de superação constante. "Ao contrário do futebol, em que ninguém ganha ou perde sozinho, a conquista na natação é só sua. Isso estimula muito o aluno".

Não que o nadador seja solitário. Segundo o professor Fernando, a interação na piscina, inclusive entre alunos de séries diferentes, é grande. "As aulas promovem a socialização. Quando há torneios, um vem torcer para o outro, os mais velhos servem de exemplo para os mais novos, dando conselhos técnicos".

E há, ainda, um último aspecto de grande valor para a formação da criança. Como lembra o professor Paulo, o primeiro desafio que muitas crianças vencem na piscina é o medo da água. "Vencer esse medo, nos primeiros anos de idade, é uma conquista que o aluno leva na sua bagagem de coragem e de autoestima".

A cidade é para todos

Professor de História ajuda pessoas com deficiência a se reconhecerem como cidadãs.

João Paulo Streapco ainda vai escrever a história da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. Credenciais para isso ele tem. É historiador, com graduação e mestrado pela USP, e professor de História (no Sabin, ele dá aulas para o Ensino Médio). Além disso, convive desde que nasceu com um irmão com paralisia cerebral e sabe como os recursos médicos, as terapias de reabilitação e a infraestrutura geral do País evoluíram, nas últimas décadas, para propiciar melhor qualidade de vida a pessoas com deficiência. Também sabe como ainda há muito a evoluir.

Em agosto de 1976, uma otite não diagnosticada levou a uma infecção generalizada que comprometeria as funções cerebrais do bebê de 3 meses da família Streapco. O casal ainda teria mais dois filhos – João Paulo é o do meio – e passaria as décadas seguintes vencendo os prognósticos mais pessimistas dos médicos sobre a expectativa de vida do primogênito, hoje com 40 anos. "Meus pais fazem parte da primeira geração de famílias a lutar pela inclusão de pessoas com deficiência", diz João Paulo, com orgulho.

Ele próprio também tem do que se orgulhar. Uma vez por semana, João Paulo colabora com o Serviço de Orientação à Empregabilidade (SOE) da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente), na unidade da Vila Mariana onde funcionava o Lar Escola São Francisco. Recebe um salário simbólico. Os resultados, porém, são reais.

No SOE, além de tratar de temas específicos à empregabilidade (etiqueta corporativa, legislação trabalhista, etc.), João Paulo ajuda jovens e adultos com deficiência física a recuperarem sua autoestima e a defenderem sua participação na sociedade. O trabalho consiste em reforçar neles sua identidade de grupo, fazendo-os se reconhecerem como parcela expressiva da população, com os mesmos direitos dos demais cidadãos.

"Cerca de 20% dos brasileiros têm alguma deficiência, mas, ainda hoje, a ideia de inclusão não está universalizada", diz o professor, acrescentando que muitas famílias carentes costumam deixar parentes com deficiência "isolados num quartinho". Em vez disso, João Paulo quer vê-los fora de casa, utilizando transporte público, visitando parques, espaços culturais e tudo mais que a cidade tem a oferecer.

"Saímos em grupos pela Avenida Paulista, pelo Centro, tomando ônibus e metrô", diz ele, notando como a acessibilidade é conquista recente: enquanto o mirante do Banespa, por exemplo, é totalmente inacessível para cadeirantes, o Masp já apresenta alguns elementos de acessibilidade, ao passo que o Museu do Futebol, de 2008, é "perfeito".

"O objetivo é fazer com que eles tenham coragem de circular pela cidade, que saibam o que devem e o que podem cobrar. Se ficarem 'entocados' e com medo, serão solitários e tristes. Quando descobrem que são 20%, sentem que vale a pena lutar".

AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente:
https://aacd.org.br/

AMOR PELO ESPORTE

Elemento fundamental do projeto pedagógico do Sabin, a prática esportiva está presente na rotina de milhares de alunos – e de mais de duas centenas de pais – graças a um leque diverso de modalidades, uma estrutura ampla e uma equipe qualificada de educadores.

PROGRAMA SABIN+ ESPORTES&CULTURA

Arenas do corpo e da mente

- **7 QUADRAS** poliesportivas
- **3 GINÁSIOS** cobertos com arquibancadas
  - 1 para a prática da Natação
  - 2 para esportes não aquáticos
- **3 PISCINAS** aquecidas
  - 1 semiolímpica (25 metros) com 6 raias, em ginásio coberto
  - 1 infantil coberta, em ginásio coberto
  - 1 semiolímpica (25 metros) com 6 raias, no Anexo
- **1 SALA DE BALÉ**
- **1 SALA DE XADREZ**
- **1 SALA DE DANÇA E GINÁSTICA RÍTMICA**

Trabalho em equipe
Responsáveis pela condução dos esportes no Programa Sabin+Esportes&Cultura e pelas aulas regulares de Educação Física:

19 professores
30 estagiários

+ Esportes + Oportunidades
Modalidades do Sabin+Esportes&Cultura em ordem de popularidade (número de inscritos):

616 Xadrez* (2º EF a 3ª EM) *Individual*
★ Em 2010, a aluna Amanda Marques Pereira integrou a delegação brasileira na Olimpíada Mundial de Xadrez, na Rússia.

397 Natação (2º EF a 3ª EM) *Individual*
★ Em 2014, o aluno Enzo Sasho foi campeão brasileiro nos 50 metros de nado livre e nos 200 metros de borboleta.

360 Ginástica Artística (2º EF a 3ª EM) *Individual*

293 Futsal (6º EF a 3ª EM) *Coletiva*

280 Voleibol (6º EF a 3ª EM) *Coletiva*

256 Judô (2º EF a 3ª EM) *Individual*

243 Handebol (6º EF a 3ª EM) *Coletiva*

210 Basquete (6º EF a 3ª EM) *Coletiva*

130 Balé (2º EF a 3ª EM) *Individual*

123 Dança (8º EF a 3ª EM) *Individual*

75 Ginástica Rítmica (4º EF a 3ª EM) *Individual*

Cerca de **4.000** alunos e **240** pais praticam esportes pelo *Sabin+Esportes&Cultura.*

FESTSABIN: uma celebração ao esporte
Um dos maiores torneios interescolares de São Paulo, o FestSabin reúne cerca de **70 instituições** (escolas e clubes) e mais de **3 mil atletas**, todos os anos, numa celebração ao espírito esportivo e à competição saudável.

Dados coletados no início do ano; as escolhas das modalidades podem ser alteradas ao longo do ano letivo. Não incluída a Iniciação Esportiva, com 744 alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, por se tratar de uma introdução às quatro modalidades coletivas.
** Embora seja um esporte, o Xadrez é considerado uma modalidade cultural do Programa Sabin+Esportes&Cultura.*

Democracia: utopia palpável

Desde que o homem deixou para trás a vida nômade e estabeleceu morada fixa, passou a criar certas expectativas em relação ao modo de funcionamento de sua comunidade. Por maiores que fossem as diferenças de logística e arranjo das coletividades, entre elas permaneceu – e permanece ainda – um objetivo em comum: a tentativa de alcançar o horizonte perfeito, a sociedade ideal. Se a utopia vem impulsionando sociedades organizadas a se transformarem e se adaptarem, não é de surpreender que muitos avanços tenham sido alcançados desde as origens da civilização até a Era Contemporânea.

Talvez a maior conquista tenha sido o surgimento da democracia nas diversas nações ao redor do mundo. Apesar de o conceito se referir diretamente ao âmbito político, é de imensa importância também nos aspectos culturais, sociais e religiosos, já que tem por princípios a liberdade e a igualdade em todas as esferas. A política em si consiste na arte ou ciência de organização, direção e administração de um Estado ou nação, e a democracia, por sua vez, é um meio pelo qual isso pode ser obtido.

Foi o primeiro regime político a trazer como sujeito e protagonista o próprio povo. Afasta-se, dessa maneira, da manutenção do poder autoritário e vertical dos regimes monárquicos, imperialistas ou ditatoriais, ao implementar a concepção de que cada indivíduo tem um papel a cumprir na formação do governo. Um papel que não se limita às urnas durante o processo de escolha representativa – o que, é claro, não diminui a importância do voto informado e não manipulado –, mas exige, acima de tudo, a cobrança dos cidadãos pelos direitos que lhes devem ser garantidos. A possibilidade da livre expressão de ideias e da manifestação pela obtenção de tais direitos é, de maneira complementar, o principal pilar constituinte da democracia e o trampolim que continua a impulsioná-la na direção do horizonte ideal.

Além disso, é preciso ressaltar a legitimidade do conflito de ideias no regime democrático. Os seres humanos, munidos de raciocínio lógico e pensamento crítico que lhes permitem chegar a conclusões particulares e diversas, enfrentam, constantemente, situações em que têm seus ideais contrapostos. O funcionamento ótimo da democracia depende integralmente do respeito para com quem pensa e age de forma diferente. Essa característica, ainda longe de sua plenitude, foi essencial para que tivesse início o empoderamento das chamadas minorias. As mulheres, os negros, os gays e os transexuais, por exemplo, teriam grandes dificuldades em conquistar qualquer espaço na sociedade se não fosse pela democracia.

Por maiores que possam ter sido os benefícios da vida Pré-Contemporânea em termos de qualidade de vida ou estreitamento das relações interpessoais, a democracia representou uma conquista inquestionável no que diz respeito à universalização dos direitos. Com a participação dos cidadãos, ampliou-se o leque de ideias para a construção e organização da sociedade e para a solução de problemas. Se o caminho para alcançar a sociedade perfeita é infinito, pode-se afirmar ao menos que a democracia vem modificando o formato e ampliando as vias pelas quais se busca chegar ao horizonte utópico.

Flora Fernandes,
aluna da 3ª série D do Ensino Médio

"O funcionamento da democracia depende do respeito para com quem pensa e age de forma diferente."

A corrupção da juventude

Sócrates foi condenado à morte por corrupção. Não a corrupção no sentido habitual – "ato ou efeito de subornar uma ou mais pessoas em causa própria ou alheia, geralmente com oferecimento de dinheiro", de acordo com o dicionário –, mas no sentido de incentivar seus pupilos a contrariar e lutar contra a moral de seu povo e o *status quo*. A juventude brasileira atual é, sob esse quesito, corrupta.

O progresso com relação ao passado é evidente. A busca dos oprimidos por seus direitos ganha força e alcança diversas conquistas, principalmente no que diz respeito à conscientização de que ainda existem empecilhos à oportunidade de todos gozarem da cidadania plena. Esse processo é lento, a época é de transição, marcada por reformas ideológicas, mas ainda existem muitos que defendem ideais conservadores. Como tais mudanças estão em andamento, não se pode dizer que existe uma moral brasileira fixa; ela é aos poucos moldada para algo novo, que provavelmente não será definido apenas pela juventude atual, mas também pelas próximas gerações.

Corruptos socráticos, os jovens questionam costumes presentes na sociedade e procuram formas de serem representados. Porém, eles nem sempre buscam uma corrente de pensamento que agrade aos distintos grupos sociais. Essa falta de união, baseada principalmente na diferença de classes, gera entraves na busca por igualdade. O diálogo entre grupos diversos, com propostas que merecem ser discutidas, está longe de ser pacífico, ou mesmo de chegar a um consenso. Os indivíduos fazem uso de seus direitos para seu benefício, priorizam o privado e ignoram sua responsabilidade para com o coletivo, para depois se isentarem da culpa e jogá-la exclusivamente nos políticos.

Questionamentos, para que a corrupção socrática ocorra, devem ser bem fundamentados e debatidos. Sem isso, podem se tornar antidemocráticos e, por serem calcados em ódio, ineficientes, pois encontram oposição ferrenha e radicalismo. Tais debates, no entanto, são urgentes e necessários ao País, além de parte fundamental da formação cultural, dado que os oprimidos, em uma nação como o Brasil, são muitos.

Anos de luta resultaram em uma sociedade mais justa e em jovens com um caráter questionador, que aos poucos desconstroem o *status quo*. A corrupção socrática é muito eficiente e necessária em democracias. Porém, para exercê-la, é preciso que se tenha em vista o bem da nação, o que nem sempre ocorre. A juventude atual se encontra numa época de grandes mudanças e desafios. É responsável por dar continuidade às lutas sociais, o que provavelmente não terminará junto com ela, mas sua participação é de suma importância nesse momento.

Diogo Monteiro,
aluno da 3ª série A do Ensino Médio

"Anos de luta resultaram em uma sociedade mais justa e em jovens com um caráter questionador."

De mãos abertas

O Colégio Mão Amiga, apoiado pelo Sabin, oferece ensino de qualidade à população carente.

Colégio Mão Amiga
Rua Juruá, 400,
Jardim Santa Julia
Itapecerica da Serra – SP
(11) 2614.6449
www.colegiomaoamiga.org.br
maoamiga@
colegiomaoamiga.org.br

A Juruá é uma ladeira parecida com a maioria das ruas do Jardim Santa Julia, em Itapecerica da Serra, exceto por um conjunto de prédios claros, no número 400. Eles se destacam na paisagem porque ocupam a parte mais alta da rua, fincados num platô. Mas também e principalmente porque há espaço para circular entre eles e porque suas paredes alvas e acabadas destoam da arquitetura da região, marcada por uma sucessão monótona de construções de tijolos e reboco à vista, grudadas umas nas outras. Dentro daqueles prédios, uma transformação acontece: crianças são educadas para ter um futuro, e no futuro fazer a diferença.

Ali funciona o **Colégio Mão Amiga**, que atende 440 crianças entre 5 e 14 anos, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II. Ele se diferencia das demais escolas do Jardim Santa Julia por ser bem-equipado e oferecer aulas de qualidade, o que é raro por ali. Trata-se de região carente de infraestrutura e habitada por famílias de baixa renda.

O colégio não foi parar no bairro por acaso. Faz parte de um projeto internacional nascido no México, ligado à congregação católica Legionários de Cristo, que já plantou escolas semelhantes em 80 países, sempre em áreas desassistidas. A escola brasileira nasceu há dez anos e no princípio foi financiada quase que inteiramente por um benfeitor, o médico norte-americano Nicholas Perricone.

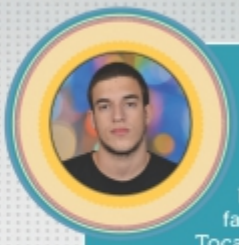
O empreendimento contava também com um posto de saúde e uma oficina de projetos de geração de renda, que ficaram pelo caminho. Já o colégio prosperou, mas se mantém a duras penas, pois não conta mais com seu mecenas e depende de mãos amigas para funcionar: de doações, de acordos de cooperação e de trabalho voluntário. E, desde o início do ano, o Sabin é uma das entidades que colaboram com o projeto, abrindo aos profissionais do Mão Amiga seus cursos de formação de professores.

Aulas de Inglês a partir da Educação Infantil, duas salas multimídia com lousas digitais, laboratório de Informática com 11 computadores, ateliê de artes, brinquedoteca, *playground*, alimentação e acompanhamento psicológico, além do cumprimento da grade curricular obrigatória do município, transformam as vagas do Mão Amiga num item concorrido. Para se candidatar, o aluno faz um teste "que nos dá um diagnóstico do nível da criança", diz Sandra de Oliveira, diretora do colégio. Selecionado o aluno, é feita uma entrevista com os pais, a fim de levantar o perfil socioeconômico da família e estabelecer o valor da mensalidade. "Mas não abrimos mão do nosso caráter de projeto social", diz Sandra. O que ela quer dizer é que a maioria dos alunos tem bolsa de estudos, pagando por mês quantias entre R$ 100 e R$ 200. E 23% deles têm bolsa integral. Ou seja, recebem de graça uma oportunidade de inestimável valor.

A OPORTUNIDADE DE ESCOLHA: O ALUNO NO COMANDO DO SEU DESTINO.

Ensinar não é preparar o aluno para esta ou aquela carreira, mas criar as oportunidades para que ele escolha a que quiser. Da Matemática à Literatura, da História da Arte à Computação Gráfica, da Filosofia à Engenharia Aeroespacial, o aluno decide o caminho.

TAYNA SOUSA SCHOLTEN gosta de desenhar e de automóveis. Herdou a paixão do pai, que sonhava em correr a Fórmula 1. Traçou um plano: fazer Design e pagar à parte disciplinas de Engenharia na universidade. O Sabin a ajudou a se preparar e a se inspirar – as aulas extras de Linguagem Arquitetônica, do professor Rubens, foram especiais. Ainda desenhará carros. Ou barcos, aviões, foguetes. Por que não? Aprovada em **Design na USP, Desenho Industrial na Faap e Eng. Aeroespacial na UFSM**. *(Aluna do Sabin por 9 anos.)*



JOÃO PEDRO DENTELLO não podia negar a veia artística. Até cogitou a Física, mas a Arte falou mais alto. Toca baixo, bateria e violão; adora filmes. Optou pelo Cinema, único vestibular que prestou. Estava confiante – e nem precisou de muitas aulas extras ou módulos: "o ensino regular bastou". Sabe que é um mercado difícil, mas estará realizado ao perseguir projetos autorais como seus ídolos: Kubrick, von Trier, Meirelles. João Pedro foi aprovado em **Cinema na Faap**. *(Aluno do Sabin desde a Ed. Infantil.)*

"O Sabin não é só o vestibular. É também Teatro, Esportes, cursos extras. Tudo isso contribui para o vestibular, mas também para a maturidade dos alunos, para um leque maior de escolhas, para uma visão mais ampla de mundo."

Jackson Padilha, professor de Física

"Nosso vínculo com os alunos é especial. Eles se sentem próximos, à vontade para se abrir conosco. Esse apoio emocional ajuda nos resultados – mas não é pelos resultados. É porque alunos e professores se veem como semelhantes, seres humanos que merecem respeito, carinho e atenção."

Aymar Macedo, professor de Biologia

GUSTAVO MUNHOZ GONÇALVES vai morar fora do País. Aprovado na Universidade de Coimbra, Portugal, ainda tem chance de ir para Groningen, na Holanda. Para quem quer Relações Internacionais, faz sentido. O Inglês está em dia: tem FCE e CAE pelo Sabin. A preparação acadêmica, cultural e emocional (com os simulados, aprendeu a controlar a ansiedade diante de desafios) também. Ele está pronto. Aprovado em **Economia na Unicamp e em R.I. na Unesp, na ESPM, na UFSC e em Coimbra.** *(Aluno do Sabin por 5 anos.)*

Especial Vestibular 2016

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar e criar oportunidades

O Sabin apontou caminhos

Eles foram lá e venceram

O sentido da vida depende da vida que se quer viver. Cada pessoa tem um norte, cada norte faz um mapa. A realização pessoal consiste em saber aonde se quer ir, em enxergar os desafios, em preparar-se para enfrentá-los – e partir. Em 2015, mais uma turma especial de concluintes deixou o Sabin rumo a seus objetivos. São futuros médicos, engenheiros, advogados, diplomatas, designers, cineastas, matemáticos, filósofos, arquitetos. Cada um em sua busca particular por uma vida com significado; todos com condições de trilhar o caminho que traçaram e de fazer a diferença no mundo. O Sabin se orgulha de ter contribuído com suas jornadas, ajudando-os em seu primeiro grande desafio: o vestibular. Nós lhes demos as oportunidades; eles foram lá e venceram.

80% APROVADOS

O melhor resultado na história do Sabin.

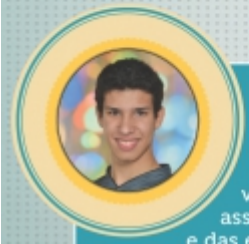
4 EM CADA **5** concluintes foram aprovados nas **MELHORES UNIVERSIDADES** do País.

80% APROVADOS

53% EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS

>> **27%** na USP
>> **16%** na Unesp
>> **10%** na Unicamp

*Porcentagens relativas ao total de concluintes em 2015.



LUCA SUZANO BAPTISTA sempre "meio que gostou de tudo". De interesse variado, estudava assuntos além do currículo e das exigências do vestibular. Palestra sobre Política? Aula de Relatividade no programa Mais Foco? Ele estava lá. Por curiosidade, pelo prazer de aprender. Não por acaso, pode escolher diversos caminhos: foi aprovado em **Direito na UFMG, Eng. Nuclear na UFRJ e Medicina na Santa Casa**. Mas quer Medicina na USP. "Se cheguei tão perto, vou tentar de novo". *(Aluno do Sabin por 7 anos.)*

VICTOR TOSI CARRION teve dúvidas até a véspera da inscrição. Mudava de ideia várias vezes numa mesma semana. Gostava das Ciências Exatas, considerava a Engenharia, mas temia viver entre números e fórmulas. Precisava do elemento humano, de um caminho que lhe trouxesse maior contato com pessoas. Na 3ª série do Médio, o Fórum de Profissões lhe deu a luz de que precisava. Victor foi aprovado em **Administração na USP, na UFMG, na FGV e no Insper**. *(Aluno do Sabin por 11 anos.)*

Grandes conquistas na história de cada um.

Esses são apenas alguns dos alunos que o Sabin ajudou a vencer o Vestibular.

KAIQUE MAESTRINI SACCHI apaixonou-se ainda criança pela Informática. A escolha do curso não surpreende, nem os resultados. Programou os estudos, executou os exercícios das apostilas, sentiu-se seguro. Para esfriar a máquina, contava com o suporte emocional do professor-padrinho Rafael. Seu futuro ainda está sendo escrito (quem sabe na área da Inteligência Artificial?), mas é ele mesmo quem escreverá. Aprovado em **Eng. da Computação na USP, na Unicamp, na UFSCAR e na UFRGS**. *(Aluno do Sabin por 9 anos.)*

PAULA COELHO GYORI tem paixão por Psiquiatria, mas não pensa em especialidades ainda. Escolheu Medicina pelo currículo abrangente, que alia conhecimento técnico a conteúdos diversos, dos quais não abre mão. Afinal, o viés humanizado da Saúde no século XXI requer formação humanista – não muito diferente da que recebeu do Sabin e que carregou para si, como valor. Seja qual for seu caminho, ela estará preparada. Aprovada em **Medicina na USP, na Unesp, na UFMA e na UFRJ**. *(Aluna do Sabin por 6 anos.)*

DERRUBANDO BARREIRAS: CONQUISTAS NOS CURSOS MAIS CONCORRIDOS.

>> 4 alunos em **ARQUITETURA e URBANISMO**: **USP, PUC-Campinas, Belas Artes, Mackenzie, FAAP**
>> 5 alunos em **PUBLICIDADE E PROPAGANDA**: **USP, UFMG, ESPM, Faap, Mackenzie**
>> 6 alunos em **MEDICINA**: **USP, Unesp, Santa Casa, UFMA, UFRJ, FMIT, Lusíada, Unisa, Univas, USCS**
>> 7 alunos em **DIREITO**: **PUC-SP, Mackenzie, UFMG**
>> 11 alunos em **ADMINISTRAÇÃO**: **USP, Unifesp, FGV, Insper, Mackenzie, UFMG, UFMT, UFMS, UFSC, UFRGS**
>> 37 alunos em **ENGENHARIAS**: **Eseg, Faap, FEI, IFSP, Inatel, Mackenzie, Mauá, UFPB, UFPE, UFPR, UFRGS, UFRJ, UFSC, UFSCAR, UFSM, UFU, Unesp, Unicamp, Unifei, USP**

FELIPE CZUBIENIAK RUBELLO quer construir coisas. Afinidade com as Exatas ele tem. Pelo Sabin, competiu quatro vezes em Olimpíadas de Física e Matemática e chegou a ganhar bronze no 9º ano. (as Humanas eram seu fraco; nada que os Módulos de Aprofundamento não resolvessem.) Escolher não foi difícil: "A Engenharia me pareceu ter mais interação entre a Ciência e o mundo concreto". Felipe foi aprovado em **Eng. Mecatrônica na USP e Eng. de Controle e Automação na Unicamp**. *(Aluno do Sabin por 5 anos.)*